



O LUGAR DA DANÇA NA SOCIEDADE ATUAL

Danuza Rodrigues de Araújo¹⁸⁷

danuza.ef@gmail.com

Luciane Silva Avelar¹⁸⁸

lulauavelar@gmail.com

Mônica Cristina Machado Leite¹⁸⁹

monicrism1@gmail.com

Veridiana Moreira Lima¹⁹⁰

veridianamoreiralima@gmail.com

Lohany Cristina do Nascimento Gomes¹⁹¹

lohanynascimento@gmail.com

Tadeu João Ribeiro Baptista¹⁹²

tadeu.baptista68@gmail.com

A Indústria Cultural tem estabelecido uma forte influência em todas as áreas, inclusive na arte e em especial, na dança. O presente trabalho apresenta o seguinte questionamento: como a estética das movimentações de dança impostas pela Indústria Cultural afetam os sujeitos na sociedade atual? O objetivo é identificar como se estabelecem as mediações responsáveis pela determinação das movimentações e coreografias. O referencial teórico está pautado em Marx e na compreensão da teoria crítica dos pensadores da Escola de Frankfurt. Este trabalho que está em andamento pretende capturar como a gestualidade e os corpos que dançam são determinados pelos interesses relacionados à comercialização e consumo vigentes na sociedade do capital. Este trabalho propõe uma reflexão acerca da dança enquanto mercadoria, que é vendida e comprada por meio da manipulação dos corpos. Nesse processo, questiona-se, se e como, a dança perde sua essência criadora e transformadora para se reduzir a práticas de repetições de gestualidades e movimentos e ficar à mercê da lógica capitalista, que distancia o sujeito dançante da sua partitura autoral de movimento, levando a alienação na arte. Nesse sentido, questiona-se: como a Indústria Cultural afeta os corpos dançantes na sociedade atual por meio da estética das movimentações e da transformação da dança em mercadoria? É identificável de forma empírica, que a dança altamente difundida na sociedade atual tem uma movimentação calcada na repetição e padronização das células coreográficas, códigos de dominação e erotização reproduzidos em série, nota-se uma pré-estruturação da dança nas mídias, que deixam de fora a mediação do sujeito dançante mas que estabelece com este uma inter-relação de consumo. A dança em sua essência permite refletir sobre a plasticidade do corpo e sua capacidade de incorporação do mundo por meio da gestualidade de cada corpo dançante como campo de criação e um espaço expressivo. Como arte, ela permite o deleite de “se expressar” usando movimentos ou até mesmo o não mover-se, que está intimamente ligada ao caráter de sensibilização, autoconhecimento e relacionamentos estéticos entre o sujeito

¹⁸⁷ Secretaria Estadual de Educação, Esporte e Cultura de Goiás SEDUC; Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Corpo, Estética, Exercício e Saúde (COEESA).

¹⁸⁸ Grupo Rhema; Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Corpo, Estética, Exercício e Saúde (COEESA).

¹⁸⁹ Secretaria Municipal de Educação de Goiânia (SME); Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Corpo, Estética, Exercício e Saúde (COEESA).

¹⁹⁰ Universidade Federal de Sergipe (UFS); Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Corpo, Estética, Exercício e Saúde (COEESA).

¹⁹¹ Grupo Cignus; Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Corpo, Estética, Exercício e Saúde (COEESA).

¹⁹² Universidade Federal de Goiás (UFG); Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Corpo, Estética, Exercício e Saúde (COEESA).



e o mundo, mas essas características são deixadas de lado pela crescente expansão do sistema capitalista. Na sociedade do capital, a produção e o consumo aumentaram tragicamente, atribuindo a tudo um valor mercadológico e uma razão instrumentalizada, mas a arte deveria estar à parte dessa atribuição, como forma de expressão e sensibilidade. Adorno (2008) acreditava que o único refúgio crítico da razão é a arte, no nosso caso, a dança. Como produto cultural integrado à lógica de mercado e das relações de troca, a dança deixa de ser para tornar-se valor, pois, ao permitir a reprodução, ela perde a sua aura (BENJAMIN, 2011). Na sociedade consumista atual, tudo se torna mercadoria (MARX, 2017). Assim, retomando e aplicando à dança as palavras de Baptista (2001), vimos que a dança deveria fornecer um espaço simbólico dentro do qual os indivíduos pudessem cultivar sua imaginação e reflexão crítica, desenvolver sua individualidade e autonomia, contudo, ao contrário, torna-se mercantilizada canaliza as energias dos indivíduos para um consumo coletivo de bens padronizados. Ocorre uma perda do diferencial dos produtos oferecidos para o consumo do indivíduo, passando-se a consumir o que é oferecido. A dança tem sido muito utilizada pelos meios de comunicação como uma forma de encantamento, deleite e convencimento de ideologias aplicadas ao corpo. Utilizando-se de músicas que ditam comportamentos e valores, reproduz-se na expressão de vulgarização, erotização e descaracterização dos sentidos da dança na formação do ser humano, observação empírica comum às letras e movimentações dos *hits* midiáticos (BERGERO, 2006). No caso específico da difusão da dança, grande parte da população tem acesso somente ao que é imposto pela televisão ou internet. Dessa forma, acaba-se reproduzindo fidedignamente tudo o que vê, de maneira acrítica, caótica e padronizada. Sendo assim, há uma busca de status social, os quais submetem o indivíduo a um modelo que o distancia da autonomia (SILVA, 2001). A dança não reflete a realidade objetiva, ela traz consigo subjetividade e sublimação, por isso, intriga quem assiste e retira da inércia os pensamentos do espectador. A arte requer racionalidade, ela precisa compreender para depois encontrar os caminhos que a levam de volta à subjetividade, para que a dança que eu trago concreta no meu corpo ganhe espaço e se concretize no outro. A Indústria Cultural age como um mecanismo de dominação, adestrando os movimentos corporais, causando como discutem Adorno e Horkheimer (1985). Os produtos da Indústria Cultural são criados com a finalidade de se ajustarem e de refletirem a realidade social, que é reproduzida sem a necessidade de uma justificação ou defesa explícita e quase independente, pois o próprio processo de consumir os produtos induz as pessoas a se identificarem com as normas sociais existentes e a continuarem a serem o que já são, ou seja, a produção manipula o consumo. O que torna quase impossível fugir do grande interesse que existe por trás das imagens, gestualidades e modelos corporais presentes na mídia. Baptista (2001) define a indústria cultural como um instrumento social usado para pressionar as pessoas a aderirem a certos padrões, por meio dos diferentes meios de comunicação de massa. A Indústria Cultural celebra o sujeito que trabalha durante o mês e usa seu salário para comprar algo, que ao final, muitas vezes o sujeito não consegue se quer estabelecer a relação entre o que o objeto representa para ele. Acredita-se que, somente com um amplo debate e entendimento acerca deste processo de educação do corpo estabelecido por meio da compreensão do lugar da dança na sociedade do capital que conseguiremos entender a determinação da estética das movimentações proposta para a dança na sociedade brasileira atual. As formas como se dá o processo de transformação da dança em mera mercadoria vendida como produto por meio da Indústria Cultural, e assim, poderá se criar meios e estratégias para um processo educacional de formação de sujeitos pensantes e reflexivos capazes de entender a lógica de dominação do corpo e dela subverter mecanismos para contraposição à recepção de códigos padronizados, prontos e acabados e desta forma, sobrepor-se a dominações culturais, sua influência no cotidiano, no padrão de beleza corporal, na transformação do corpo em objeto e da arte em mercadoria.

Palavras-chaves: *Dança; Indústria cultural; Corpo; Mercadoria.*



Referências

- ADORNO, Theodor W. **Teoria estética**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER Marx. **Dialética do esclarecimento**; fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro, Ed Jorge Zahar. 1985.
- BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. **Procurando o Lado Escuro da Lua**: implicações sociais da prática de atividades corporais realizadas por adultos em academias de ginástica de Goiânia. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2001. (Dissertação de Mestrado em Educação Brasileira).
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura história da cultura. 7. ed, 11ª reimpressão, São Paulo: Brasiliense, 2011. (Obras Escolhidas, v. 1).
- BERGERO, Verônica A. **Indústria Cultural e Dança**: Superando Cisões e Reinventando Humanidades na Educação Física. Florianópolis: UFSC, 2006. (Dissertação de Mestrado.)
- MARX, Karl, **O Capital**: crítica da economia política: livro 1. 2 ed., São Paulo, Boitempo, 2017.
- SILVA, Ana Márcia; **Corpo Ciência e Mercado: Reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade**. Campinas – SP, autores associados; Florianópolis - SC, Ed da UFSC, 2001.